

A realidade psíquico-pulsional e o problema mente-corpo no pensamento de Jean Laplanche¹

Deborah Golergant²

Preâmbulo

Comecei a refletir sobre a contribuição de Laplanche em relação ao tratamento do problema filosófico mente-corpo em 2014 quando escrevi a apresentação para o número 8 da revista *Alter*, intitulado “Corpo erógeno”, um pequeno texto inspirado nos artigos incluídos naquele número. Com esse título, quisemos prestar homenagem a Christophe Dejours, que distingue entre um corpo fisiológico e um corpo erógeno constituído a partir daquele, em um processo que, na psicanálise chamamos, de “apoio” e que ele descreve com o termo de “subversão libidinal”. Posteriormente, preparei um seminário sobre psicossoma³, que ministrei no primeiro semestre de 2018. Na introdução, busquei realizar um breve panorama das teorias filosóficas sobre a relação mente-corpo e da contribuição que a psicanálise poderia oferecer à reflexão sobre essa questão milenar. Alguns

1 Texto apresentado no I Colóquio iberoamericano Jean Laplanche em 20 de setembro de 2024.

2 Psicóloga clínica. Doutora em Psicanálise (*Universidad Autónoma de Madrid*). Autora de «*Le mytho-symbolique comme aide et obstacle à la traduction. Le cas du code de la castration*», em *Laplanche et la traduction: une théorie inachevée* (PUF, 2018) e coautora do *Vocabulaire de Laplanche* (PUF, 2024).

3 Agradeço a Doris Argumedo pelo convite para lecionar este módulo como parte de uma disciplina, “Patologias do Corpo”, no programa de mestrado em Intervenção na Clínica Psicanalítica da Pontifícia Universidade Católica do Peru.

anos mais tarde, no contexto de um grupo interdisciplinar de pesquisa da PUC, chamado “Mente e linguagem” e composto por linguistas, filósofos, antropólogos, psicólogos e psicanalistas, apresentei um trabalho no qual me concentrei, mais do que na distinção entre “corpo fisiológico” e “corpo erógeno”, naquela entre a “mente”, em sentido psicológico, e o que, na psicanálise, chamamos de “aparelho psíquico”. Com esse propósito, propus comentar e discutir algumas ideias da teoria intersubjetiva da construção do significado, tal como apresentada por P. Quintanilla (2021) em seu excelente livro *La comprensión del otro*⁴. Finalmente, em um trabalho mais recente, intitulado “*Realité psychique et philosophie du sujet*”, continuei desenvolvendo essas ideias a partir de uma crítica à proposta de Marcia Cavell (1993) em seu livro *A mente psicanalítica: de Freud à filosofia*. Nele, incluo uma seção que antecipa de forma mais evidente o trabalho que apresento aqui. Nessa seção, intitulada “Realidade psíquica e problema da relação mente-corpo”, escrevo:

[...] em vez de perguntar como surge o mental a partir do somático ou material, perguntamo-nos como surge o psíquico-pulsional (adquirido) a partir do psicológico-instintivo (inato) [...]. É o cuidador, com seu aparelho psíquico e sua sexualidade infantil, com seus desejos e suas angústias, que possibilita que o corpo autoconservativo se torne um corpo erógeno (Dejours, 2001), que funções mentais ou psicológicas inatas sirvam de base para que a criança construa significados individuais, que o desejo e a angústia possam chegar a ter mais força do que a necessidade (Golergant, 2014, p. 12).

Coloco em evidência, assim, o percurso que me levou a escrever o texto que apresento a seguir e, ao fazê-lo, penso na importância que Laplanche

4 Meu artigo foi intitulado “*Discusión de algunas ideas de La comprensión del otro a partir da teoria de a e la seducción generalizada de Jean Laplanche*” e foi apresentado para discussão na reunião online em 14 de setembro de 2021.

atribuía à história do desenvolvimento das ideias, história cujo registro é o que eventualmente nos permite “fazê-las trabalhar” com o método psicanalítico.

Introdução

Falarei de realidade “psíquico-pulsional”, ligando estes dois termos com um hífen, porque, ao longo de sua obra, Laplanche nos mostra que a realidade psíquica, e em particular a realidade do inconsciente, está necessariamente ligada à pulsão. Para orientar a compreensão dessa realidade, ele desenvolve um estudo sobre a distinção e a relação entre, por um lado, a realidade psíquica e a realidade psicológica e, por outro, a pulsão e o instinto.

Seguindo Laplanche, começarei abordando a distinção e a relação entre duas realidades psicobiológicas: a realidade *psíquico-pulsional* e a que chamarei de *psicológico-instintiva*. Em seguida, indicarei três confusões, sobre as quais Laplanche chama atenção, entre os campos de estudo da psicanálise e da psicologia, para expor, em terceiro lugar, o que considero serem sua posição e sua contribuição em relação ao problema mente-corpo. Antes de concluir, mencionarei como se posicionam as duas realidades psicobiológicas em relação à prática analítica.

Duas realidades psicobiológicas

a. A distinção⁵

A realidade psicológico-instintiva, que é a do mundo animal em geral, consiste em mecanismos psicobiológicos *geneticamente herdados* que possibilitam uma *adaptação* adequada ao meio (por exemplo, os mecanismos da ingestão e da digestão). Esses mecanismos inatos estão

⁵ Vide, por exemplo, Laplanche (1970/1972, pp. 16-26; 1980/1987, pp. 53-58; 1993a/1998, pp. 21-36; 2000a; 2000b).

vinculados a sensações — como fome, alerta, prazer ou dor — e a processos cognitivos — como percepção, atenção, memória ou aprendizagem — cuja função é favorecer condutas dirigidas a satisfazer necessidades relativas à autoconservação e à conservação da espécie. Entre essas condutas, encontramos a busca de alimento, a fuga de situações perigosas e o acasalamento, por exemplo. Laplanche (2000a, p. 16-17) observa que, em certas espécies, entre as quais nos incluímos, algumas funções vitais, para se tornarem eficazes, necessitam inicialmente desse vínculo fundamental, também instintivo, que chamamos de apego; por exemplo, a autorregulação da temperatura corporal se estabelece gradualmente nesse vínculo. Nesse domínio, a conduta é em grande parte motivada pelo instinto, e seu estudo corresponde à psicologia.

Por sua vez, a realidade psíquico-pulsional, especificamente humana, consiste em mecanismos psicobiológicos *adquiridos e não necessariamente adaptativos* (por exemplo, os da introjeção e repressão). Esses mecanismos estão vinculados à construção de significados individuais e ao necessário fracasso, mais ou menos parcial, dessa construção⁶. Trata-se de significados melhor ou pior elaborados e associados a condutas que respondem ao desejo, além da necessidade, e à angústia, além do perigo exterior. Por sua vez, o comportamento sexual não obedece ao instinto de conservação da espécie, como Freud (1905) deixa claro em sua teoria sobre a sexualidade humana, que inclui a gênese do desejo de um filho na mulher. Laplanche (2007) se refere a uma sexualidade *ampliada* para enfatizar que ela se constitui na primeira infância — em oposição ao instinto sexual puberal — e é inseparável da fantasia inconsciente. A realidade psíquico-pulsional é um pré-requisito para fenômenos como a criação, a ironia, a fé, a ambivalência afetiva, a psicopatologia da vida cotidiana e a grande variedade de sintomas e passagens ao ato, sempre mais ou menos (auto)destrutivos, que não

6 Nas palavras de Scarfone (2011, p. 223): “[...] a psicanálise se ocupa do significado e de sua ausência”.

respondem a uma agressividade adaptativa. Nesse domínio, a conduta é em grande parte motivada pela pulsão, e seu estudo corresponde à psicanálise⁷.

b. A relação⁸

Desde Freud (1905), com o termo “apoio” (*Anlehnung*), entendemos a relação entre as duas realidades psicobiológicas descritas como uma relação de *apoio*: a realidade psíquico-pulsional se constitui apoiando-se na realidade psicológico-instintiva⁹. Por exemplo, o mecanismo psíquico-pulsional da introjeção do seio se constitui apoiando-se no mecanismo psicológico-instintivo da ingestão do leite, e isso graças às relações de *contiguidade* entre os objetos em questão — o seio e o leite estão juntos —, assim como à analogia entre as metas — em ambos os casos, trata-se de colocar os objetos no interior.

O que Laplanche acrescenta a essa compreensão é que a realidade psíquico-pulsional (inicialmente o objeto introjetado, protetor/agressor) *não emerge espontaneamente* da realidade psicológico-instintiva (a satisfação e a frustração das necessidades vitais do bebê)¹⁰. O requisito adicional fundamental é a intervenção, no vínculo de apego, da realidade psíquico-pulsional do adulto: seus próprios objetos internos, suas fantasias conscientes e inconscientes, seu narcisismo, sua sexualidade infantil. Laplanche chama *sedução originária* essa intervenção, que se materializa em *mensagens enigmáticas* dirigidas ao *infans*. Mensagens inicialmente não

7 Laplanche analisa a usurpação indevida do campo de estudo da psicologia pelo campo da psicanálise e vice-versa (vide, por exemplo, 1987b, pp. 56-88; 2004/2007, p. 217). Mais adiante, discutirei algumas confusões que podem surgir da sobreposição das duas realidades e, portanto, das duas disciplinas.

8 Vide, por exemplo, Laplanche (1970/1972, pp. 27-37; 1980/1988, primeira parte; 1987b, pp. 62-64; 1993/1998, pp. 56-72 e 111-123; 2000a; 2000b).

9 Laplanche fala de uma relação de apoio entre sexualidade (pulsão) e funções de autopreservação (instinto). Aqui, usarei esta outra formulação, que servirá ao meu propósito de explicar suas ideias sobre o problema mente-corpo.

10 Mais tarde, retorno a essa ideia de “emergência espontânea” no contexto da proposta de Laplanche sobre o problema mente-corpo.

verbais — comportamentos, gestos, carícias, olhares, tons de voz etc. — comprometidas pelo inconsciente do emissor: esquecimentos, descuidos, condutas sintomáticas e, às vezes, passagens ao ato mais ou menos violentas do adulto durante a relação de apego. Por sua vez, o bebê não nasce preparado para lidar com essas mensagens enigmáticas, encontrando-se desde o início em uma posição de traumatismo que o empurra a traduzi-las, *après-coup*, da melhor forma que puder.

Para distinguir essa relação originária adulto-criança, na qual “a assimetria é estruturante”, da relação simétrica de apego em outras espécies, Laplanche (1999/2001, p. 10) cunha o termo “situação antropológica fundamental”. Em síntese, embora a constituição da realidade psíquico-pulsional se apoie necessariamente na preexistência da realidade psicológico-instintiva, ela não emerge espontaneamente a partir dela. Essa ideia pode ser resumida em uma conhecida frase de Laplanche (1980/1987, p. 98): “a sedução é a verdade do apoio”.

Por outro lado, há uma relação entre as duas realidades que, de certa forma, vai no sentido inverso do apoio. Em um segundo momento, a realidade psicológico-instintiva se apoia em, ou cede o comando para, a realidade psíquico-pulsional; de fato, a primeira é em grande medida interferida, invadida, até deslocada e relevada pela segunda. Assim, Laplanche observa que os humanos, uma vez constituídos como sujeitos psíquico-pulsionais, se mantêm vivos por amor ao eu e ao objeto, por desejo de viver e não por instinto de autoconservação.

Esse fenômeno de invasão da realidade psicológico-instintiva pela realidade psíquico-pulsional cria zonas erógenas e faz com que o organismo se torne um eu-corpo investido de libido e atravessado pela angústia. Isso pode levar à perturbação de certas funções vitais ou contribuir para o desenvolvimento de doenças somáticas. No mesmo sentido, falamos de problemas de atenção e/ou aprendizagem por “intervenção de fatores emocionais” e confiamos

em testes psicológicos chamados “projetivos” justamente porque, em nossa espécie, a função da percepção é interferida por significados e fantasias individuais, conscientes e inconscientes¹¹. Esse fenômeno nos confronta com a crítica feita a Freud do pansexualismo, a qual Laplanche reconsidera ao propor que *o sexual* (psíquico-pulsional) *não é tudo* (de fato, no início da vida é inexistente), *mas está em toda parte* (termina por invadir tudo)¹².

Confusões

Indicarei apenas três questões entre várias outras que Laplanche evidencia e tenta esclarecer, nas quais se observa a confusão entre as duas realidades descritas, ou seja, aquelas que correspondem ao objeto de estudo da psicologia, por um lado, e da psicanálise, por outro.

a. O funcionamento econômico¹³ e o conflito psíquico¹⁴

No domínio *psicológico-instintivo*, no qual a conduta visa à satisfação de necessidades vitais, trata-se de manter um equilíbrio psicobiológico ótimo que chamamos “homeostase”. Quando este é perturbado, ocorre aumento de tensão/excitação no organismo, acompanhado de sensação de desprazer, enquanto a diminuição da tensão, o retorno ao nível optimal, é acompanhada de prazer. Reconhecemos, aqui, o que Freud chama justamente de “princípio do prazer”. No entanto, sabemos que, ao contrário da necessidade, o desejo inconsciente é insaciável e irrealizável e que a angústia nunca pode ser totalmente dominada. Assim, o funcionamento econômico do psíquico-pulsional não tenderia *naturalmente* ao equilíbrio

11 Também se sabe que, na esquizofrenia, a função vital da percepção pode ser completamente tomada pela realidade psíquico-pulsional, a ponto de colocar em risco a própria vida ou a de outrem.

12 Vide, por exemplo, Laplanche (1987b, pp. 63-68; 1993/1998, pp. 119). Sobre esse fenômeno, ver também Azar (2011).

13 Vide, por exemplo, Laplanche (2000a, pp.13-15; 2000b, pp. 39 - 41).

14 Por exemplo, Laplanche (1970; 1984; 1994; 1997).

homeostático; mais provavelmente, tenderia a romper com ele. É o que Freud descreve como “além do princípio do prazer”, um aumento ilimitado da excitação que pode levar ao esgotamento total da energia. Um exemplo é uma criança que, com suas necessidades vitais satisfeitas, mas cujo equilíbrio psíquico-pulsional se vê perturbado por fantasias associadas à ausência da mãe, pode chorar sem parar até adormecer de cansaço; um alcoólatra pode beber até cair exausto; um anorético, deixar de se alimentar até colocar a vida em risco; um obsessivo, lavar as mãos até se ferir e assim por diante. Trata-se de condutas motivadas por pulsões e fantasias inconscientes, não por instintos e necessidades vitais.

O conflito não ocorre, como propunha Freud (1920), entre forças *instintivas herdadas* (Eros e pulsão de morte), mas situa-se unicamente no plano psíquico-pulsional. Parte-se, assim, da pressuposição de que, a partir da situação antropológica fundamental, em cada história individual se constitui, por um lado, uma força que tende à ligação, originada em simbolizações suficientemente bem-sucedidas, e, por outro, uma força que tende ao *desligamento*, originada em fracassos de simbolização. À energia livre e caótica, própria do processo primário, opõe-se uma energia ligada a representações integradas em uma história mais ou menos coerente e estável, própria do processo secundário. Logo, a tendência ao desligamento é limitada e contida graças a um trabalho de construção de significados.

b. O significado¹⁵

A partir do trabalho de Laplanche sobre esse tema, parece conveniente distinguir ao menos duas acepções da palavra “significado”¹⁶. Uma delas é aquela utilizada por psicólogos, linguistas e filósofos da mente ao falarem, por exemplo, da aquisição de conceitos: conexões dos significantes de uma língua com as ideias ou imagens mentais que costumam evocar em seus

15 Vide Laplanche (1971; 1987b, pp. 129-131; 1993 b/1999, pp. 71-76; 2003a).

16 Vide os textos que apresentei em 2021 e 2024.

falantes, cuja relação é, como sabemos, *arbitrária*. Trata-se de significados *convencionais*, cujo *aprendizado* começa a partir do segundo ano.

Pensamos, com M. Cavell (1993/2000), que, quando Freud entende as representações conscientes como a união entre representações de coisa (marcas mnêmicas de objetos percebidos, sobretudo visualmente) e representações de palavra (representações verbais associadas às primeiras), o mesmo se aproxima desta primeira acepção: “Uma palavra [...] adquire seu significado por estar vinculada a uma representação de objeto” (Freud, 1915, *apud* Cavell, 2000, p. 85)¹⁷.

A outra acepção do termo “significado”, de interesse particular para a psicanálise, é aquela sobre a qual Laplanche se debruça com o termo “metábola”: conexões de significantes *entre si*, baseadas em relações de *contiguidade e/ou de analogia* entre eles (*supra*, p. 4). Trata-se de significados *individuais*, cuja *construção* começa nos primeiros meses de vida. Com base nessa segunda acepção, diríamos que o significado pode ser pensado como o efeito — de ligação e contenção da pulsão — que se produz na psicobiologia do indivíduo quando se constroem essas conexões.

A construção de significados individuais parte de mensagens enigmáticas que a criança deve traduzir para constituir um aparelho psíquico. Nesse contexto, o seio que se oferece, se retira, é introduzido, demora etc., mais do que um objeto simplesmente *percebido* pelo bebê; trata-se de um significante, veículo de mensagens comprometidas pelo inconsciente da mãe. Em outras palavras, se o seio pode se tornar um objeto com significado para a criança,

17 No entanto, a crítica de Cavell a essa formulação de Freud é muito diferente daquela desenvolvida por Laplanche (por exemplo, em 1993b/1999, pp. 67-70). Enquanto a autora discute o que é frequentemente chamado de “internalismo do significado” — a existência do pensamento anterior à linguagem —, Laplanche questiona a disjunção entre “internalismo” e “externalismo”, visto que, para ele, todo significado individual (interno) é construído a partir do que o outro comunica e dos códigos culturais que este fornece para sua tradução.

não é apenas por conter alimento ou por estar em relação de continuidade com o leite, mas porque está investido, carregado de significados conscientes e inconscientes para a mãe que o oferece. Mais tarde, a criança poderá brincar de aproximar e afastar seu brinquedo para simbolizar as mensagens relativas à partida e ao retorno de suas figuras de apego e de amor (aqui, a simbolização apoia-se em uma relação de analogia). Nesse processo, quando as mensagens do adulto são suficientemente traduzíveis — quando não são excessivamente interferidas por seu inconsciente —, a energia psíquica poderá distribuir-se entre diferentes objetos e atividades: tanto a sucção quanto o jogo do *fort-da* ajudam a simbolizar a partida do cuidador, reduzindo a angústia que gera.

Como vemos, um aspecto fundamental da construção de significados individuais é que a criança transforma uma experiência passiva, sobre a qual não tem controle — a recepção de uma mensagem que supera sua capacidade de resposta — em experiência ativa: um processo de tradução para o qual Laplanche propõe seu esquema da metábola ou da substituição de significantes (1987b, p. 129). Outro aspecto fundamental é que a tradução nunca se realiza completamente: seu fracasso parcial é o que se entende por “recalcamento”. Assim, enquanto o inconsciente originário é formado por significantes dessignificados — isolados uns dos outros —, os mais próximos do pré-consciente entram para fazer parte de uma narrativa individual, apoiada em códigos culturais.

c. O par atividade-passividade¹⁸

A partir do abandono da teoria freudiana da sedução, uma ideia arraigada na psicanálise é a de que a atividade *psíquico-pulsional* tem origem na criança. Assim, Freud (1924) não só propõe uma identificação primária do *infans*

18 Vide, por exemplo, Laplanche (1980/1988, pp. 88-94; 1987b, pp. 121-123; 1992/1996, pp. 103-106; 2003b, pp. 167-168; 2006, pp. 297-299).

com o pai da pré-história pessoal¹⁹, mas também a existência de fantasmas originários e de um complexo de Édipo transmitidos na filogênese, o que “supõe um desejo incestuoso inato na criança” (Laplanche, 2007, p. 297). Assim também, sobretudo em M. Klein e autores pós-kleinianos, é o bebê que começa projetando na mãe seu sadismo, sua inveja e seu ódio (pulsão de morte inata), enquanto a mãe deve ser capaz de sobreviver a essa violência, contê-la e processá-la para devolver à criança algo que ela possa introjetar como objeto bom.

Por sua vez, Laplanche propõe que as coisas acontecem no sentido inverso: é o adulto, com seu aparelho psíquico já constituído, quem começa projetando seus conteúdos inconscientes na criança — por exemplo, suas fantasias incestuosas e infanticidas —, enquanto a criança tende a responder identificando-se com o agressor, no sentido a partir do qual Ferenczi compreende essa defesa: “[...] a mudança significativa, provocada na mente da criança pela identificação ansiosa com o parceiro adulto, é a introjeção do sentimento de culpabilidade do adulto” (1932/2004, p. 44). Então, esses conteúdos se infiltram nas mensagens enigmáticas recebidas desde a origem, incluindo aquelas de atribuição de gênero: o bebê é primeiramente identificado pelos pais como menino ou menina, com todas as mensagens que isso implica. Inicialmente passiva diante de tais mensagens comprometidas pelo inconsciente dos cuidadores, a criança só dispõe de meios para respondê-las *après-coup*.

Portanto, é importante enfatizar, na esteira de Laplanche, que a atividade inicial do bebê, que não deve ser ignorada, ocorre apenas no plano psicológico-instintivo: sabemos que nasce equipado para chorar quando sente fome ou dor, buscar e sugar o seio, fixar ou desviar sua atenção, reconhecer rosto, voz e cheiro do cuidador, manipular objetos etc. A crítica reside na concepção de que essas condutas infantis conduza à afirmação de

19 Para uma crítica dessa teoria freudiana, vide Laplanche (1980/1988, pp. 317-320).

que, na relação adulto-bebê, ambos são “igualmente ativos”. Vale frisar que, na teoria da sedução generalizada, embora seja inicialmente ativo no plano psicológico-instintivo, o bebê não é ativo no plano psíquico-pulsional.

O problema mente-corpo na teoria da sedução generalizada²⁰

Pretendo apresentar o que considero serem a posição e a contribuição de Laplanche em relação ao problema filosófico da relação mente-corpo²¹. Para Laplanche, tanto a psicologia quanto a psicanálise estudam o indivíduo como unidade psicobiológica. Embora não defenda modelos *dualistas* — que consideram mente e corpo como duas substâncias ou realidades diferentes —, ele tampouco adere a modelos monistas *materialistas*, mais ou menos reducionistas, nos quais o mental, quando considerado real, é pensado como epifenômeno de eventos somáticos que estariam na sua base. Um desses modelos, bastante aceito hoje, é o *materialismo emergente* ou *emergentista*. Com base nessa perspectiva, o mental surge em certo momento, tanto na filogênese quanto na história individual, a partir de uma base somática inata ou, mais precisamente, de um cérebro que atingiu certo nível de complexidade. Essa hipótese nos interessa especialmente porque também parece ser predominante na psicanálise, desde o modelo da “alucinação primitiva” (Freud) àquele da “cocriação de significados” proposto pelas correntes intersubjetivas e relacionais contemporâneas²².

20 Empregarei os termos “mente” ou “mental” para me referir aos processos e fenômenos psicológicos e psíquicos e os termos “corpo” ou “somático” para me referir ao aspecto material e biológico que os acompanha.

21 Vide uma exposição abrangente dos diferentes modelos filosóficos da relação mente-corpo em Quintanilla (2019, op. cit.). Aqui, refiro-me apenas a três deles: dualista, emergentista e monista neutro.

22 Apresento alguns argumentos para a crítica de Laplanche a esses modelos emergentes do surgimento do mental — que têm um importante representante francês em D. Widlöcher — em Golergant (2024).

Laplanche considera que não se trata de distinguir corpo e mente ou biológico e psicológico/psíquico, mas o que é herdado pela filogênese e o que é adquirido na história individual, sendo ambos *igualmente psicobiológicos*: tanto quando se percebe quanto quando se constroem significados, seja a conduta movida pelo instinto ou pela pulsão, produzem-se, ao mesmo tempo e na mesma medida, fenômenos psicológicos ou psíquicos (mentais) e fenômenos biológicos (somáticos). “O problema não é o da articulação alma-corpo, mas o da articulação de um funcionamento sexual [psíquico-pulsional] e um funcionamento autoconservativo [psicológico-instintivo], ambos indissolivelmente psíquicos e somáticos” (1993/1998, pp. 9-20).

Já em *A sublimação* (1980), texto no qual encontramos desenvolvida uma concepção do apoio a partir da teoria da sedução generalizada, Laplanche observa, sem desenvolver a ideia, que tal concepção pressupõe uma mutação do velho problema mente-corpo. Ele escreve: “[...] o apoio vem aportar sua “solução”, ou melhor, um novo questionamento ao velho problema metafísico dos nexos entre a alma e o corpo, mas subvertendo totalmente e tornando caducos os próprios dados [...]” (1980/1987, p. 197). No entanto, creio que Laplanche começa a desenvolver mais cuidadosamente suas ideias sobre esse tema, dando-lhes uma maior importância, relativamente tarde em sua obra, a partir da distinção entre “biológico” e “hereditário”. Por exemplo, ele observa que “[...] quando Freud abandona a teoria da sedução, em sua famosa carta, não diz ‘regresso ao biológico’, mas sim ‘regresso ao inato, ao hereditário’. [...] De modo algum diz que o fator biológico reconquista seu lugar, pois não há nada a reconquistar. O biológico permanece sempre presente como a outra face do psicológico” (2001/2007, p. 100-101).

Por conseguinte, tanto para Laplanche quanto para Freud, o que se impõe novamente na metapsicologia a partir do abandono da teoria da sedução não é o biológico, que nunca deixou de estar presente, mas sim o hereditário: “Esta reconquista pelo hereditário que Freud anuncia [...] percorre toda

a história do freudismo através de algumas etapas das quais mencionarei apenas três: *As fantasias originárias*, *Totem e tabu*, *Moisés e o monoteísmo*” (2001/2007, pp. 101).

De fato, Laplanche se arrepende de ter intitulado seu livro de *O extravio biologizante da sexualidade em Freud*, quando, na realidade, queria referir-se ao extravio que pressupõe o retorno do hereditário em Freud, aquele da transmissão filogenética: “Quando falei equivocadamente de extravio ‘biologizante’, recebi uma repreensão. Deveria ter falado em um extravio inatista. Diria que é um extravio filogenético e inatista” (2002, p. 27).

Do mesmo modo, depois de recordar-nos o conceito freudiano de “séries complementares” – que opõe o hereditário e o adquirido –, Laplanche observa que, por um deslizamento indevido, essa oposição termina sobrepondo, por um lado, o hereditário e o biológico e, por outro, o adquirido e o psíquico. A esse respeito, Laplanche comenta: “Essa sobreposição [...] induz a voltar ao velho problema mente-corpo, esquecendo: (1) o fato de que o biológico pode ter uma expressão psíquica (a fome) [...]; (2) o fato de que pode haver aquisições biológicas, inclusive individuais [...]”²³ (2003c, p. 176).

Finalmente, na mesma época, encontramos o que nos parece sua principal discrepância com a proposta de Dejours (2001): “Christophe Dejours (2001) propõe o termo ‘inconsciente amencial’, que me é difícil aceitar, porque pressupõe que o termo recalcamiento-tradução é um processo de mentalização que o inconsciente psicótico não sofre. Portanto, assume que as mensagens do outro não são mentais, mas que devem vir a sê-lo. Custa-

23 Nesse ponto, seríamos mais enfáticos do que Laplanche: por um lado, acreditamos que o biológico sempre tem uma expressão psíquica, embora muitas vezes só tomamos consciência dela quando o organismo é afetado — por exemplo, ao sentir dor; por outro lado, acreditamos ser correto afirmar que, a partir da sedução original, com a substituição do psicológico-instintivo pelo psíquico-pulsional, ocorrem necessariamente aquisições biológicas individuais (modificações estruturais no cérebro e no corpo).

me fazer minha esta oposição alma/corpo, *mens/soma*” (Laplanche, 2003d, p. 202, nota 2, tradução minha).

Depois dessa breve retomada do que propõe Laplanche a respeito do problema mente-corpo, diríamos que ele retoma o modelo chamado de monismo neutro, formulado por Spinoza (s. XVII), mas integrando-o com sua compreensão do apoio, o que, a meu ver, pressupõe um aporte verdadeiramente original da psicanálise à reflexão sobre a questão.

Começarei trazendo algumas palavras sobre o modelo monista neutro, destacando algumas de suas diferenças em relação ao modelo emergentista – ao qual vínhamos nos referindo implicitamente, desde o item I, com o termo “emergência espontânea” – para logo indicar a novidade que supõe integrá-lo com a compreensão do apoio a partir da teoria da sedução generalizada.

Segundo o monismo neutro, tudo o que ocorre no cérebro – e, portanto, no corpo – ocorre também, ao mesmo tempo, na mente (e vice-versa), como se se tratasse de duas faces de uma mesma moeda. Isso implica que não há relações de causa-efeito entre o somático e o mental. Aqui encontramos uma primeira diferença em relação ao modelo emergentista, segundo o qual são os fenômenos somáticos que, em última instância, causam os fenômenos mentais²⁴. Com base no modelo monista neutro, então, em condições normais, a diminuição de glicose no sangue, fenômeno biológico, acompanha-se necessariamente de uma sensação de fome, fenômeno psicológico, sem que se possa dizer que um seja causa do outro. Mais bem, dir-se-ia que ambos são causados, ao mesmo tempo, pela falta de alimento. Tampouco seria correto dizer que a diminuição de serotonina, fenômeno biológico, produz determinados estados psíquicos nem, inversamente, que estes produzem diminuição de serotonina, pois se trata de um mesmo fenômeno, a depressão, que se manifesta ao mesmo tempo

24 Ver Quintanilla (2019, cap. 9).

em estados biológicos e psíquicos. Inclusive a construção de significados – e seu fracasso mais ou menos parcial –, que costumamos pensar como um fenômeno puramente mental, é necessariamente acompanhada de mudanças no cérebro e, portanto, na totalidade do corpo.

Por outro lado, permanece em aberto a questão de quando surge o mental, e a maioria dos modelos sobre a relação mente-corpo embarca em debates cuja solução parece depender da definição de “mente” que se utiliza. Perguntam-se, por exemplo, se os mamíferos superiores têm uma mente ou se seria mais correto reservar o termo para o gênero humano. E dentro deste, seria possível dizer que o *Homo habilis* já tem uma mente ou talvez se deva limitar ainda mais o termo para referir-se a certas capacidades exclusivas de nossa espécie, como aquelas relacionadas à possibilidade de adquirir uma língua? Em contraste, pensamos que, com base no modelo monista neutro, podemos chamar de mental – e acreditamos que Laplanche não se oporia – a qualquer estado ou processo psicológico (como sensações e percepções) que existe desde que existe o cérebro. A conduta do réptil, que depende do instinto e da realidade psicológica, é menos mental e mais somática do que a do ser humano, que depende da pulsão e da realidade psíquica? Seguramente, a capacidade de construir significados ou de sentir ambivalência afetiva, por exemplo, exige um cérebro mais complexo em termos de anatomia estrutural e de conexões neuronais do que as capacidades de perceber e de ter sensações de prazer ou desprazer. O mesmo princípio se aplica ao compararmos um eu-corpo investido de libido e movido pela pulsão com um organismo movido pelo instinto. Isso não quer dizer que o psíquico emergja em um dado momento a partir do biológico, mas sim que o organismo psicobiológico, cuja existência remonta à existência do cérebro, complexifica-se cada vez mais: nossa conduta não é mais mental do que a conduta do réptil, mas mais complexa.

Contudo, onde reside a novidade de integrar o modelo monista neutro com a compreensão do apoio com base na teoria da sedução generalizada?

Referimo-nos ao apoio como o processo de constituição, a partir da situação antropológica fundamental, de uma realidade psíquico-pulsional sobre a base das funções da realidade psicológico-instintiva inata. E, aqui, é interessante notar que, se quiséssemos referir-nos à especificidade do ser humano atendo-nos ao modelo de Spinoza, mas sem ter clareza sobre as duas realidades psicobiológicas descritas, chegaríamos, talvez inevitavelmente, a um monismo que Laplanche descreve como “totalizante” quando comenta os textos de Groddeck. Sua conclusão nos parece clara:

[...] Groddeck teria razão [...] em sua pretensão de apagar o traçado de uma fronteira entre a alma e o corpo. Mas, ao mesmo tempo, Groddeck não consegue perceber que a dualidade se encontra deslocada para outro lugar. Dualismo – diria eu, interpretando certo freudismo – da sexualidade e da autoconservação [nos termos empregados aqui: dualismo das realidades psíquico-pulsional e psicológico-instintiva]²⁵ (1981/1987, p. 173).

Esse dualismo estranho para nossos hábitos de pensamento, que não é o dualismo da mente e do corpo, mas sim de duas realidades simultaneamente mentais e corporais, também é assinalado e desenvolvido de modo mais amplo por Dejours em seu trabalho sobre o apoio. Por exemplo, no que diz respeito às duas realidades somáticas, ele nos diz: “[...] pouco a pouco constrói-se o corpo da relação com o outro, o corpo dos jogos eróticos e sexuais, o corpo da excitação e do desejo. Trata-se de um segundo corpo, também chamado corpo erógeno. Este segundo corpo é muito diferente do corpo fisiológico: não é nem inato nem natural” (2001a, p. 2). Contudo, Dejours (2001b) também fala, além disso, talvez de maneira menos explícita, de duas realidades mentais; ao menos, esta é a impressão que nos deixa sua análise da distinção entre os sistemas Consciente e Pré-consciente. Sem

25 O que aparece entre colchetes é meu comentário.

poder desenvolver o tema, penso que sua descrição do sistema Consciente corresponde bastante bem ao que seria a mente em sua realidade puramente psicológica, tal como a descrevemos aqui, por oposição ao sistema Pré-consciente/Inconsciente recalcado²⁶, que corresponderia à mente em sua realidade psíquica²⁷.

Finalizo assinalando o que considero serem as duas limitações do modelo monista neutro quando não integrado com a concepção laplancheana do apoio, limitações certamente também encontradas no modelo emergentista.

Assim como o emergentismo, a hipótese de Spinoza tem o inconveniente de desconsiderar os aspectos mais fundamentais da distinção, descrita no começo deste trabalho, entre o que é geneticamente herdado e aquilo que é adquirido a partir da situação antropológica fundamental²⁸.

No entanto, para além disso, com maior razão, os dois modelos não levam em conta a distinção, cada vez mais importante para Laplanche, entre o geneticamente herdado e o biológico. Por exemplo, uma ideia mais ou menos explícita no pensamento de Laplanche (por exemplo, em 2000a), desconsiderada pelo monismo neutro e pelo emergentismo, é de que a complexidade, a plasticidade e a variabilidade individual mente-cérebro são inversamente proporcionais à rigidez do instinto e ao determinante de seu papel na conduta, tanto na filogênese quanto na história do indivíduo humano. Assim, a conduta do réptil, cujas funções vitais operam de

26 Aqui, não tentarei elucidar a realidade à qual pertenceria esse outro inconsciente, postulado por Dejours (2001 b e c), que, como você deve ter adivinhado, prefiro chamar de “inconsciente não reprimido” em vez de “inconsciente amencial”.

27 Se esta hipótese fosse aceita, a diferença entre as posições de Dejours e Laplanche pareceria ser, em grande medida, terminológica: Laplanche se oporia à ideia de que o corpo vem primeiro (*Le corps d'abord*, 2001c) se não fosse especificado que é o corpo “fisiológico” (instintivo) em oposição ao corpo erógeno (pulsional), que surgiria, como ambos os autores propõem e desenvolvem, em um segundo tempo.

28 Em particular, entre o instinto e a pulsão, por um lado, e o psicológico e o psíquico, por outro.

maneira autônoma, está determinada quase exclusivamente pelo instinto, algo menos evidente em espécies que desenvolvem um vínculo de apego.

Pois bem, essa ideia adquire uma força enorme quando se trata de nossa espécie. Por exemplo, é de se esperar que, em condições normais, um bebê recém-nascido se alimente e durma em quantidades e horários relativamente fixos, segundo um funcionamento inicial psicológico-instintivo; contudo, na medida em que o psíquico-pulsional vai tomando o relevo das funções vitais, a alimentação e o sono costumam ser afetados, em diferentes graus, por significados individuais e fantasias inconscientes²⁹.

Por outro lado, diferentemente de outros animais, nós não nascemos equipados para evitar instintivamente os perigos — digamos, as alturas ou o fogo³⁰ — e, em geral, dependemos do adulto de uma maneira muito mais constante e prolongada em comparação a outras espécies. Ao incluir essas observações em sua reflexão, Laplanche (1980/1987, pp. 58-59) chama a atenção para o fato de que, em nossa espécie, o instinto falha, o que teria como contrapartida a possibilidade de desenvolver, quando a realidade psíquico-pulsional toma o relevo, uma mente-cérebro altamente individual e, portanto, uma conduta muito variável e imprevisível em comparação com as espécies que nascem mais bem equipadas para sobreviver sem a ajuda do adulto.

29 Pensemos em qualquer sintoma relacionado à alimentação ou ao sono. Por exemplo, crianças que rejeitam alimentos que não têm uma determinada cor ou, mais comumente, falta de apetite, sobrepeso, terrores noturnos, insônia...

30 Isso é corroborado por certos experimentos já mencionados por Freud (1916) e citados por Laplanche (1987b, p.98).

As duas realidades psicobiológicas em relação à prática psicanalítica

O modelo que Laplanche (1987c; 1987/1990, 1991/1996) nos deixou para pensar essa relação é o da tina: os interesses relativos à autoconservação e à adaptação (realidade psicológico-instintiva) encontram-se deslocados para as margens da situação analítica. Não aconselhamos nossos pacientes sobre como estudar para um teste ou como se comportar em determinada situação social, mas sua atitude, suas fantasias, suas emoções e crenças a respeito de certo exame ou determinada situação social, tal como aparecem em seu discurso, podem muito bem constituir um tema de análise. Portanto, não se trata de “tirar a importância de eventos objetivos” – como às vezes se entende –, ou seja, de desconhecer a realidade psicológico-instintiva em favor da realidade psíquico-pulsional. De maneira alguma minimizamos a realidade de uma doença, uma situação perigosa, uma perda ou uma agressão, tal como elas podem ser definidas em termos médicos e/ou legais, mas temos uma forma particular de escutar o discurso de nossos pacientes sobre essas situações e de responder a ele.

A situação analítica favorece, como nenhuma outra, a colocação em primeiro plano da realidade psíquico-pulsional. Assim como o adulto da sedução originária possibilita que a realidade psicológico-instintiva seja deslocada pela realidade psíquico-pulsional (apoio), o analista, ao provocar a transferência, reinstaura essa situação fundamental que coloca a realidade psíquico-pulsional no lugar central. Reinstaurar a situação originária em um marco de contenção, que permite reabrir e sustentar o enigma, é o motor e a condição de possibilidade de uma reativação da pulsão a traduzir, o que pode levar à mudança psíquica.

Conclusão

Embora Laplanche não acredite que o psicológico/psíquico (mental) emerja a partir do biológico (somático), pensamos que não seria inconveniente afirmar que o psíquico-pulsional emerge apoiando-se naquilo que aqui chamamos de psicológico-instintivo, mas deixando claro, por um lado, que ambos são igualmente mentais e corporais (ou igualmente psicobiológicos) e, por outro lado, que tal emergência não é espontânea, mas que ocorre a partir da sedução originária, inerente à situação antropológica fundamental. Por sua parte, a situação analítica, ao entrar em ressonância com essa situação originária, favorece que a realidade psicológica/instintiva veja-se deslocada pela realidade psíquico-pulsional, cuja emergência é potencializada, ao mesmo tempo que contida.

Referências bibliográficas

- Azar, A. *Psychanalyse & Psychologie. Ashtarout Bulletin*, n. 2011, La Science de Freud (2), pp. 19-23.
- Braconnier, A. Entretien avec Jean Laplanche. *Le Carnet Psy*, v. 2, n. 70, 2002, pp. 26-33.
- Cavell, M. (1993) *La mente psicoanalítica: de Freud a la filosofía*. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- Dejours, C. (2001a) El apuntalamiento. *Après-coup: Revista de psicoanálisis*, Madrid, n. 1, 2016.
- Dejours, C. (2001b) La tercera tópica. *Alter: Revista de psicoanálisis*, Madrid, n. 4, 2007.
- Dejours, C. (2001c) *El cuerpo primero*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2012.
- Freud, S. (1905) Tres ensayos de la teoría sexual. In: Freud, S. *Obras completas*, vol. V. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.
- Freud, S. (1915) Lo inconsciente. In: Freud, S. *Obras completas*, vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

Freud, S. (1916) Conferencias de introducción al psicoanálisis. In: Freud, S. *Obras completas*, vol. XV. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.

Freud, S. (1923) El yo y el ello. In: Freud, S. *Obras completas*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

Freud, S. (1924) El sepultamiento del complejo de Edipo. In: Freud, S. *Obras completas*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

Golergant, D. *Discusion de algunas ideas de La comprensión del otro a partir de la teoría de la seducción generalizada de Jean Laplanche*. Trabalho apresentado na reunião do dia 14 de setembro de 2021 do Grupo Interdisciplinario de Investigación Mente y Lenguaje. Universidad Católica del Perú, Lima, Peru, 2021.

Golergant, D. *Realité psychique et "philosophie du sujet"*. Trabalho apresentado nas Jornadas Internacionais "Jean Laplanche", 2024.

Laplanche, J. (1970) *Vida y muerte en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1972.

Laplanche, J. (1971) Derivación de entidades psicoanalíticas. In: Laplanche, J. *Interpretar [con] Freud y otros ensayos*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1978.

Laplanche, J. (1980a). *PI: La angustia*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.

Laplanche, J. (1980b). *PIII: La sublimación*. Buenos Aires: Amorrortu, 1987a.

Laplanche, J. (1981) *PIV: El inconsciente y el ello*. Buenos Aires: Amorrortu, 1987b.

Laplanche, J. (1984) La pulsión de muerte en la teoría de la pulsión sexual. In: Green, A. *La pulsión de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu, 1970.

Laplanche, J. (1987a) *La cubeta: Trascendencia de la transferencia*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

Laplanche, J. *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF, 1987b.

Laplanche, J. (1991) De la transferencia: Su provocación por el analista. In: Laplanche, J. *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

Laplanche, J. (1992) Implantación, intromisión. Laplanche, J. *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

- Laplanche, J. (1993a) *El extravío biologizante de la sexualidad en Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- Laplanche, J. (1993b) Breve tratado del inconsciente. In: Laplanche, J. *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- Laplanche, J. (1994) Las fuerzas en juego en el conflicto psíquico. In: Laplanche, J. *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- Laplanche, J. (1997) La así llamada pulsión de muerte: una pulsión sexual. In: Laplanche, J. *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- Laplanche, J. Psicoanálisis y biología: Realidades e ideologías. *Revista Uruguaya De Psicoanálisis*, n. 87, 1998, pp. 125-136.
- Laplanche, J. (1999) *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- Laplanche, J. (2000a) Pulsion et instinct. In: Laplanche, J. *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien. Paris: PUF, 2007.
- Laplanche, J. (2000b) Sexualité et attachement das la métapsychologie. In: Laplanche, J. *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien. Paris: PUF, 2007.
- Laplanche, J. (2001) À partir de la situation anthropologique fondamentale. In: Laplanche, J. *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien. Paris: PUF, 2007.
- Laplanche, J. (2003a) Déplacement et condensation chez Freud. In: Laplanche, J. *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien. Paris: PUF, 2007.
- Laplanche, J. (2003b) Le genre, le sexe, le sexual. In: Laplanche, J. *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien. Paris: PUF, 2007.
- Laplanche, J. (2003c) Le genre et Stoller. In: Laplanche, J. *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien. Paris: PUF, 2007.
- Laplanche, J. (2003d) Trois acceptions du mot “inconscient” dans le cadre de la théorie de la séduction généralisée. In: Laplanche, J. *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien. Paris: PUF, 2007.
- Laplanche, J. (2004) Pour la psychanalyse à l'Université. In: Laplanche, J. *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien. Paris: PUF, 2007.

Laplanche, J. (2006) Castration et Cédipe comme codes et schémas narratifs. In: Laplanche, J. *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien. Paris: PUF, 2007.

Laplanche, J. *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien. Paris: PUF, 2007.

Quintanilla, P. *La comprensión del otro*: Explicación, interpretación y racionalidad. Lima: Fondo Editorial PUCP, 2019.

Scarfone, D. La psychanalyse, sa méthode et son éthique. *Revue Belge de Psychanalyse*, Bruxelles, v. 58, 2011, pp. 85-102.

Widlöcher, D. (2001) Amor primario y sexualidad infantil. El debate de siempre. In: Widlöcher, D. *Sexualidad infantil y apego*. México: Siglo XXI, 2004.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Mariana Lütz Biazzi**

Deborah Golergant

dgolergant@revistaaprescoup.net

© Constructo Revista de Psicanálise